

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia**

Sonia Cristina Barbosa de Souza

**A EDUCAÇÃO COMO TEXTO VIVO: UM ESTUDO SOBRE A FILOSOFIA
HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR**

Decisões
construtivas
são próprias
do autor

Qual o nível
de uso da T.A.?

• Desequilíbrio na discussão,
ausência de referências
educacionais espaciais.

• Mais uma
indicação

Campo Grande - MS

2025

Sonia Cristina Barbosa de Souza

**A EDUCAÇÃO COMO TEXTO VIVO: UM ESTUDO SOBRE A FILOSOFIA
HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
graduação no Curso de Licenciatura em
Filosofia da Faculdade de Ciências
Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Weiny César Freitas
Pinto
Coorientador: Pedro Henrique Cristaldo
Silva

Campo Grande - MS

2025

DEDICATÓRIA

A minha querida e amada mãezinha, dona Ivanir de Mattos.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho é, para mim, mais do que encerrar um ciclo acadêmico, é afirmar que todo esforço, por mais difícil que pareça, pode florescer em conquista.

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, minha segunda casa por todos esses anos. Registro minha gratidão a toda a Instituição, começando pelos colaboradores da limpeza, da segurança, das secretarias, que silenciosamente mantêm tudo funcionando. Sem eles, nada caminha.

Agradeço à Faculdade de Ciências Humanas, ao curso de Filosofia, e a todos os professores e professoras que me ajudaram a ampliar meu olhar sobre o mundo e sobre mim mesma.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto, que não apenas acompanhou com dedicação cada etapa deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas foi também o responsável por me apresentar Paul Ricoeur — o autor que transformou meu modo de pensar a educação e a filosofia. Foi em sua aula, um semestre antes de eu iniciar meu projeto de pesquisa para este trabalho, que ouvi pela primeira vez aquele nome que, hoje, se tornou tão significativo na minha vida acadêmica e pessoal.

Aos colegas discentes, a minha gratidão fraterna. Compartilhamos alegrias, angústias, risos e dúvidas. Muitos seguiram, outros pararam no caminho, mas todos deixaram marcas. Também expresso meu sincero reconhecimento a ele, que considero meu Coorientador, Pedro Henrique Cristaldo Silva, cuja escuta atenta e contribuições generosas foram fundamentais para o amadurecimento deste trabalho. Foi com vocês que aprendi que a Universidade é também lugar de amizade, de apoio mútuo e de resistência.

Agradeço meus filhos Leandro e Lucas, minha família, que, mesmo distante geograficamente e diante das dificuldades, sempre esteve presente com palavras, com gestos e com amor.

E não posso deixar de agradecer, com toda a emoção do meu coração, a minha mãe — minha maior inspiração. Uma mulher forte, digna, que não teve a oportunidade de estudar, mas que me ensinou o verdadeiro valor do conhecimento, da honestidade e do esforço. É por ela e para ela que esse diploma tem ainda mais sentido.

Foram muitos os obstáculos: reprovações, trancamentos, dores, cansaços. Mas nada disso me impediu de continuar. Cada capítulo desse trabalho foi escrito com o suor do meu sacrifício e com a força do meu sonho.

A todos que caminharam comigo, meu muito obrigada. Este trabalho é fruto de um solo coletivo, irrigado por lutas e esperanças. Que ele possa, de alguma forma, retribuir o que recebi: com palavras que toquem, com ideias que inspirem, e com a certeza de que a educação é, de fato, um texto vivo.

EPÍGRAFE

O momento em que a literatura atinge sua mais alta eficiência talvez seja aquele em que ela põe o leitor na situação de receber uma solução para a qual ele mesmo tem que achar as perguntas apropriadas, aquelas que constituem o problema estético e moral colocado pela obra. (Ricoeur, 2010c, p. 298)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo que investiga a aplicação da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur (1913-2005) ao ensino de filosofia, analisando como essa abordagem pode promover uma educação mais reflexiva, crítica e humanizadora. A pesquisa, de caráter exploratório, fundamenta-se, principalmente, em obras-chave de Ricoeur, como os três volumes de *Tempo e Narrativa* (2010a, 2010b, 2010c) e *Teoria da Interpretação* (2019). Além da apresentação da filosofia ricoeuriana, este trabalho explora, brevemente, a hermenêutica de outros autores como Schleiermacher (1768-1834), Dilthey (1833-1911), Heidegger (1889-1976) e Gadamer (1900-2002). O problema que orienta este trabalho consiste em investigar qual é e como se dá a contribuição da filosofia hermenêutica ricoeuriana para o ensino de filosofia. Como hipótese para enfrentar este problema é apresentada a noção de “texto vivo”, que compreende a educação como um processo interpretativo e dinâmico, no qual o conhecimento é construído dialogicamente a partir das experiências, narrativas e práticas de leitura e escrita dos estudantes. A leitura e a escrita são essenciais para o desenvolvimento do pensamento crítico, permitindo a reconstrução do saber com base na experiência do sujeito. Os resultados indicam que a aplicação da hermenêutica ricoeuriana ao ensino de filosofia ressignifica a relação entre o saber, o sujeito e o mundo, favorecendo um aprendizado reflexivo e a formação de identidades conscientes.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Hermenêutica. Paul Ricoeur. Texto vivo.

ABSTRACT

This paper ~~presents a study that~~ investigates the application of Paul Ricoeur's (1913-2005) hermeneutic philosophy to the teaching of philosophy, analyzing how this approach can promote a more reflective, critical and humanizing education. The research, of an exploratory nature ^{Research} (is based mainly on key works by Ricoeur) such as the three volumes of *Time and Narrative* (2010a, 2010b, 2010c) and *Interpretation Theory* (2019). In addition to the presentation of Ricoeur's philosophy, this paper briefly explores the hermeneutics of other authors such as Schleiermacher (1768-1834), Dilthey (1833-1911), Heidegger (1889-1976) and Gadamer (1900-2002). The problem that guides this work consists of investigating what is and how the contribution of Ricoeur's hermeneutic philosophy to the teaching of philosophy occurs. The hypothesis to address this problem is the notion of "living text," which understands education as an interpretative and dynamic process in which knowledge is constructed dialogically based on students' experiences, narratives, and reading and writing practices. Reading and writing are essential for the development of critical thinking, allowing the reconstruction of knowledge based on the subject's experience. The results indicate that the application of Ricoeur's hermeneutics to the teaching of philosophy redefines the relationship between knowledge, the subject, and the world, favoring reflective learning and the formation of conscious identities.

Keywords: Education. Hermeneutics. Living text. Paul Ricoeur. Philosophy.

Sumário

Introdução.....	10
1 O que é a hermenêutica?.....	12
1.1 Panorama histórico do desenvolvimento da hermenêutica.....	12
1.2 A inserção de Ricoeur na tradição da filosofia hermenêutica.....	16
2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur.....	18
2.1 Breve percurso biográfico de Paul Ricoeur.....	18
2.2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur.....	20
3 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur e o ensino de filosofia.....	26
3.1 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a filosofia.....	26
3.2 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a educação.....	28
3.2.1 O processo da interpretação na filosofia ricoeuriana.....	28
3.2.2 A noção de “texto vivo” da hermenêutica ricoeuriana.....	28
3.2.3 A noção de “texto vivo” aplicada ao ensino de filosofia.....	29
Considerações finais.....	33
Referências bibliográficas.....	34

Introdução

Neste trabalho apresento uma proposta de contribuição da filosofia hermenêutica do pensador francês Paul Ricoeur (1913-2005) ao campo da educação, com o intuito de explorar possibilidades de aplicação do método hermenêutico ao ensino de filosofia. O percurso textual se desenvolve em três capítulos principais. No primeiro capítulo, realizo um panorama histórico da hermenêutica, abordando suas origens gregas, o seu desenvolvimento no contexto da interpretação bíblica e jurídica, sua consolidação filosófica com Schleiermacher e Dilthey, bem como os seus desdobramentos posteriores com Heidegger e Gadamer. Finalizo o capítulo apresentando a inserção de Ricoeur na tradição filosófica hermenêutica. No segundo capítulo, apresento breve biografia e o pensamento filosófico ricoeuriano, com ênfase nos conceitos fundamentais de sua hermenêutica. No terceiro capítulo, desenvolvo a aplicação da hermenêutica ricoeuriana à educação, propondo a leitura filosófica caracterizada pela noção de “texto vivo” como prática interpretativa capaz de promover um ensino de filosofia mais reflexivo.

Do ponto de vista da metodologia adotada, toda a base teórica, conceitual e argumentativa deste trabalho foi construída a partir da leitura de duas obras de Paul Ricoeur: os três volumes de *Tempo e Narrativa* (2010a, 2010b, 2010c) e *Teoria da Interpretação* (2019). Como instrumento de apoio técnico no processo de organização textual, esclarecimento didático de conceitos complexos e revisão linguística, **este trabalho utilizou a ferramenta de Inteligência Artificial, especificamente o modelo ChatGPT da OpenAI (2023).** Ressalto que a integridade ética e acadêmica do trabalho não foi comprometida, pois todas as decisões conceituais, escolhas metodológicas e interpretações foram realizadas com base no estudo das referências, por meio da leitura crítica, da reflexão pessoal e da autoria intelectual da pesquisa. Nesse contexto, o uso da IA representou uma mediação produtiva entre tecnologia e pensamento humano, contribuindo para a clareza, a estrutura e a coerência da escrita, mantendo-se o compromisso com a originalidade, a responsabilidade e a honestidade acadêmica.

O problema que orienta este trabalho consiste na seguinte questão: **como a hermenêutica ricoeuriana contribui para o ensino de filosofia na educação básica?** Em resposta a esse questionamento, apresento a hipótese de que a noção de “texto vivo”, conforme desenvolvida por Paul Ricoeur, pode ser compreendida como uma proposta metodológico-existencial que permite ao aluno interpretar textos filosóficos e sua própria experiência de forma crítica e significativa. A hermenêutica, nesse sentido, não se limita

Atenção:
pessoal deve
e imparcialidade?

Ok!
ótimo!

à análise teórica, mas se revela como um caminho de formação humana e transformação educacional articulada pela narrativa.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir filosoficamente para a formação educacional dos alunos por meio da aplicação da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur no ensino de filosofia. Justifico esta pesquisa tanto por sua relevância teórica quanto prática. Teoricamente, esse trabalho apresenta um estudo no campo da filosofia hermenêutica ricoeuriana, resgatando seu potencial formativo e educacional. Na prática, propõe um caminho pedagógico que visa enfrentar um dos grandes desafios da educação brasileira: a dificuldade de leitura, interpretação e apropriação crítica de textos, sobretudo os filosóficos. Ao inserir o método hermenêutico no campo educacional, especialmente por meio da metáfora do “texto vivo” – sendo mais que uma metáfora e sim uma proposta metodológica e existencial – busco ressaltar a importância da filosofia como instrumento de formação integral do sujeito.

Abordagem
muito ampla:
qual m. rel.
educacional?

! Serei que os
alunos chegam
mas não a ter
contato com textos
de filosofia ao
ponto de se contarem
e formar
problemas.

CAPÍTULO 1

O QUE É A HERMENÊUTICA?

1.1 Panorama histórico do desenvolvimento da hermenêutica

A hermenêutica é uma disciplina que se dedica ao estudo da interpretação, especialmente de textos e discursos, buscando seus possíveis significados. Sua história é profunda e abrangente, conectando aspectos filosóficos, teológicos e linguísticos que evoluíram ao longo dos séculos. O termo “hermenêutica” deriva do grego antigo *hermēneuein*, que significa interpretar ou traduzir. Está associado a *hermēneia* (interpretação) e ao deus Hermes na mitologia grega (Abbagnano, 2007, p. 579). Hermes era considerado o mensageiro dos deuses, responsável por transmitir mensagens divinas aos mortais. Seu papel incluía traduzir o que era inacessível ou incompreensível em algo inteligível para os humanos. Assim, Hermes não apenas transportava mensagens, mas também interpretava seus significados, muitas vezes ocultos ou enigmáticos. Essa associação deu à hermenêutica uma conotação inicial de tradução e mediação.

Na cultura grega, o ato de interpretar era fundamental em diversas esferas, incluindo religião, poesia e filosofia. Textos religiosos, como os oráculos, exigiam interpretação cuidadosa para que seus significados simbólicos e muitas vezes ambíguos fossem compreendidos. Esse contexto introduziu a ideia de que a hermenêutica não era apenas um exercício técnico, mas também um ato de compreensão que envolvia criatividade e intuição.

Na filosofia clássica, a hermenêutica começou a ser sistematizada como um campo de estudo. Platão (428 a.C.–347 a.C.) e Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.) foram figuras centrais nesse processo. Platão frequentemente explorou em suas obras a relação entre o significado das palavras e a verdade. Em diálogos como *Crátilo* (2015), ele discutiu como a linguagem pode (ou não) capturar a essência das coisas. Embora Platão reconhecesse a importância da interpretação, ele também destacou suas limitações, sugerindo que a verdade última está além das palavras e requer um nível mais elevado de compreensão intelectual.

Aristóteles, por sua vez, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da hermenêutica em sua obra *Da Interpretação* (2005). Ele analisou como a linguagem expressa o pensamento humano e como os enunciados podem ser verdadeiros ou falsos. Aristóteles estabeleceu uma base para o estudo da interpretação que influenciaria gerações futuras, destacando a relação entre linguagem, lógica e significado.

A fonte é a maioria leituras do texto de Aristóteles? Seria interessante referenciar um livro de desenvolvimento, mesmo que em nome de uma meta de leitura.

Com o advento do Cristianismo, a hermenêutica assumiu um papel crucial na interpretação das Escrituras bíblicas. A Bíblia, composta por textos com significados profundos, simbólicos e muitas vezes alegóricos, exigia técnicas de interpretação que ajudassem a revelar seu verdadeiro significado. Santo Agostinho (354–430), um dos maiores pensadores da Patrística, foi pioneiro na hermenêutica cristã. Ele acreditava que a interpretação da Bíblia deveria ser guiada pela fé, mas também pelo uso da razão e do contexto histórico. Em sua obra *Sobre a Doutrina Cristã*, Agostinho apresentou princípios hermenêuticos que orientavam como ler e entender as Escrituras, distinguindo entre o sentido literal e o alegórico.

Durante a Escolástica, na Idade Média, teólogos como Tomás de Aquino (1225–1274) continuaram esse trabalho, buscando harmonizar a interpretação cristã com a filosofia de Aristóteles. A hermenêutica nessa época era vista como uma ferramenta para interpretar a revelação divina e defender a teologia cristã.

No século XVI, a Reforma Protestante trouxe uma nova abordagem à hermenêutica. Reformadores como Martinho Lutero (1483–1546) e João Calvino (1509–1564) rejeitaram a autoridade exclusiva da Igreja Católica Romana na interpretação das Escrituras, enfatizando o direito e a responsabilidade de cada indivíduo de interpretar a Bíblia por si mesmo, inaugurando, assim, a exegese teológica individual.

Essa mudança levou ao desenvolvimento de métodos hermenêuticos mais rigorosos e sistemáticos, que buscavam garantir a clareza e a precisão na interpretação dos textos sagrados. Lutero, em particular, destacou a importância de retornar ao sentido original dos textos bíblicos, estudando-os em seus idiomas originais (hebraico e grego) e considerando seus contextos históricos.

No século XVIII, com o Iluminismo e a origem das ciências humanas, a hermenêutica expandiu-se além da teologia e passou a abranger toda forma de expressão da cultura. Friedrich Schleiermacher (1768-1834) é frequentemente considerado o precursor da hermenêutica filosófica, pois foi o primeiro teórico a sistematizar a hermenêutica como um método universal de compreensão, não restrito a textos sagrados. Ele propôs que interpretar um texto exige dois movimentos complementares: a análise gramatical, que examina a linguagem e a estrutura do texto, e a intuição psicológica, que busca compreender a intenção do autor. Para Schleiermacher (1990), compreender um texto é entrar em um processo de reconstrução criativa, onde o intérprete procura entender o pensamento do autor melhor do que o próprio autor.

Quais os
textos utilizados
na construção
desta história
da hermenêutica?

Um dos conceitos centrais em sua proposta é o círculo hermenêutico. Esse círculo

pode ser compreendido como o movimento constante entre o todo e as partes de um texto.

Em outras palavras, só conseguimos entender o todo de uma obra se compreendermos suas partes (parágrafos, frases, palavras), mas só compreendemos as partes se tivermos alguma ideia do todo. Esse movimento não é um círculo vicioso, mas sim um processo

dinâmico de aprofundamento: à medida que voltamos repetidamente ao texto, vamos refinando nossa interpretação, ampliando o horizonte de sentido. Schleiermacher acreditava que esse movimento era essencial para a verdadeira compreensão e que cada leitura é uma nova tentativa de alcançar o sentido profundo do texto.

Além disso, Schleiermacher introduziu uma dimensão mais humana na hermenêutica: compreender é também compreender o outro, entrar em seu universo linguístico, histórico e existencial. Por isso, ele via a hermenêutica não apenas como técnica, mas como uma arte – a arte de interpretar – que exige empatia em relação ao outro. Sua contribuição lançou as bases para o desenvolvimento posterior da hermenêutica filosófica, especialmente em Wilhelm Dilthey.

Wilhelm Dilthey (1833-1911) deu continuidade a esse legado, posicionando a hermenêutica como o método central das ciências humanas. Ele argumentou que, enquanto as ciências naturais buscam explicar (*Erklärung*) fenômenos por meio de leis causais, as ciências humanas buscam compreendê-los (*Verstehen*), valorizando a riqueza da experiência vivida (*Erlebnis*), a historicidade e a singularidade de cada manifestação humana. Para Dilthey (2010), compreender textos, ações, instituições ou obras de arte é penetrar no sentido das expressões da vida situando-as em seu contexto histórico.

Dilthey rejeita a aplicação de métodos das ciências da natureza às ciências humanas, pois acredita que os seres humanos são, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos de sua própria experiência. Isso exige uma abordagem interpretativa que não apenas observe de fora, mas que busque reconstituir por dentro o mundo vivido do outro. Assim, ele propõe uma hermenêutica como teoria geral da compreensão e do processo interpretativo, elevando-a ao status de fundamento metodológico para todas as disciplinas que lidam com as produções culturais da humanidade. Sua proposta inaugura uma compreensão mais profunda da cultura como campo de sentido a ser interpretado pelo espírito.

No século XX, a hermenêutica foi transformada radicalmente por Martin Heidegger (1889-1976) e, posteriormente, por seu discípulo Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Heidegger desloca a hermenêutica do campo metodológico das ciências humanas para o plano ontológico da existência. Em sua obra *Ser e Tempo* (1927/2012), ele redefine

Avalia-se ou
olhando como
tese?

Abordagem
simplificada

Em que
sentido?
ciências do
espírito?

a hermenêutica – enquanto condição compreensiva – como uma estrutura do próprio ser humano, afirmando que compreender é uma forma fundamental de ser. Para Heidegger (2012), o ser humano (ou *Dasein*: “ser-aí”) é lançado no mundo já interpretando, vivendo em um constante processo de compreensão. Nesse contexto, a hermenêutica não é um método entre outros, mas uma condição existencial do ser-no-mundo. Interpretar, portanto, é existir; é estar no mundo de maneira compreensiva.

Hans-Georg Gadamer, por sua vez, aprofunda essa perspectiva e a atualiza no campo da filosofia, especialmente em sua obra *Verdade e Método* (1960/2008). Para Gadamer, a linguagem é o meio por excelência da experiência hermenêutica. É por meio dela que o sentido se revela, que o passado dialoga com o presente e que o intérprete se abre à alteridade do texto ou do outro. Gadamer introduz o conceito de fusão de horizontes (*Horizontverschmelzung*), que designa o encontro entre o horizonte de compreensão do intérprete e o horizonte histórico do texto ou do fenômeno interpretado. Esse encontro não é neutro, mas se dá num jogo de perguntas e respostas, onde o sentido emerge no próprio processo do diálogo.

Nessa perspectiva, a compreensão não é reprodução, mas recriação viva do sentido, sempre situada, aberta ao inacabamento e à alteridade. A hermenêutica torna-se, assim, uma forma de pensar que se funda na escuta, na temporalidade e na historicidade da experiência humana. Gadamer propõe uma filosofia que não oferece respostas definitivas, mas que convida ao diálogo constante com a tradição.

Em resumo, com Schleiermacher, a hermenêutica ganha um estatuto universal: toda compreensão humana se dá em um movimento entre o texto e o intérprete, exigindo tanto rigor estrutural (análise) quanto empatia criadora (intuição). Dilthey amplia esse caminho ao considerar a hermenêutica como método das ciências humanas, centrada na historicidade da compreensão. Heidegger e Gadamer, por sua vez, superam a ideia de método e colocam a hermenêutica como ontologia existencial, isto é, a condição compreensiva da existência como um acontecimento interpretativo que opera uma fusão de horizontes que se dá no diálogo entre tradição e atualidade.

A partir desses pensadores, entendemos que interpretar é participar de um processo de sentido que jamais está dado de antemão, mas que se constrói na constante investigação em busca de significados. Na filosofia, isso se traduz não apenas na leitura de textos, mas no modo como nos colocamos diante do mundo: como sujeitos que buscam, que perguntam, que reinterpretem.

1.2 A inserção de Ricoeur na tradição da filosofia hermenêutica

É justamente a partir dessa herança hermenêutica que Paul Ricoeur (1913–2005) propõe um novo horizonte de reflexão. Reconhecendo as contribuições de Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer, Ricoeur amplia a hermenêutica ao integrá-la não apenas à fenomenologia, mas também à psicanálise e à filosofia analítica da linguagem. Em seu pensamento, a hermenêutica deixa de ser apenas uma metodologia textual para se tornar uma filosofia da interpretação da existência humana, especialmente marcada pela linguagem simbólica, pela ação e pela narrativa.

Trabalhando com a fenomenologia de Edmund Husserl (1859–1938), Ricoeur se depara com o desafio da compreensão existencial e por isso “enxerta” a hermenêutica em sua filosofia, colaborando com a busca de um sentido não mais mediante, exclusivamente, a consciência fenomenológica, mas com o enriquecimento teórico situado da interpretação simbólica. Da fenomenologia husserliana à psicanálise de Sigmund Freud (1856–1939), Ricoeur formula uma “hermenêutica da suspeita” para encarar os símbolos sintomáticos da cultura, como a arte, a religião e a moral. Entre as inúmeras relações de Ricoeur diante da filosofia da linguagem, uma delas se acentua: sua articulação com a teoria analítica dos atos de fala (Ricoeur, 2019).

Assim, compreendendo a evolução da hermenêutica até a sua ampla abertura no pensamento ricoeuriano, desde suas origens na cultura grega até a sua reformulação na filosofia contemporânea, vê-se que esta revelou-se não apenas como uma técnica de interpretação textual, mas sim como um modo de compreender o ser humano em sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo. No oráculo grego, no diálogo socrático, nas análises de Aristóteles, na exegese bíblica, na crítica iluminista, nas ciências humanas ou na ontologia existencial, a tarefa da hermenêutica sempre esteve ligada à busca de sentido — sentido este que não se apresenta de forma imediata, mas que precisa ser desvelado no entrelaçamento da linguagem, da história e da experiência.

É nessa perspectiva histórica e filosófica que também se insere a hermenêutica jurídica, dimensão fundamental da interpretação que extrapola a simples leitura literal da norma legal. Segundo Cavalcante e Oliveira, “a hermenêutica tem por finalidade possibilitar ao estranho, algo familiar, pois sua tarefa é tornar o que está distante, próximo” (2014, p. 1). No âmbito jurídico, a hermenêutica busca interpretar não apenas o texto da lei, mas os sentidos mais profundos que estão por trás de sua criação, considerando seu contexto histórico, social e político. A norma jurídica, portanto, não é um dado fixo, mas uma construção realizada pelo intérprete, com base nos textos legais

e nos métodos interpretativos disponíveis, como os métodos histórico, gramatical e sociológico. A hermenêutica jurídica, nesse sentido, se apresenta como uma prática interpretativa voltada a compreender os princípios e institutos legais. Ao reconhecer que não há um “espírito” da lei dado previamente, mas sim a vontade histórica de legislar em determinado tempo e contexto, o intérprete assume a responsabilidade ética de atualizar e aplicar a norma conforme as exigências do presente. Dessa forma, a hermenêutica jurídica caminha ao lado da hermenêutica filosófica e educacional como uma forma de compreensão crítica e comprometida com a vida em sociedade.

Portanto, a hermenêutica é mais do que uma teoria: é uma atitude filosófica diante da vida, constituindo-se como uma forma de existir que reconhece a complexidade da linguagem. É nesse espírito que se abre espaço para o pensamento ricoeuriano, cuja hermenêutica busca integrar distanciamento e apropriação, crítica e reconstrução, texto e ação. Com Paul Ricoeur, a hermenêutica não será apenas uma ponte entre texto e leitor, mas um caminho ético e narrativo para compreender o ser humano em sua profundidade temporal (Ricoeur, 2010a, p. 423).

CAPÍTULO 2

A FILOSOFIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

2.1 Breve percurso biográfico de Paul Ricoeur

Jean Paul Gustave Ricoeur foi um dos filósofos mais proeminentes do século XX, cuja obra continua a influenciar profundamente os estudos de hermenêutica, ética e teoria narrativa. Nascido na cidade de Valence, na França, Ricoeur enfrentou, ainda jovem, severas tragédias pessoais, como a perda precoce de seus pais, sendo criado aos cuidados dos avós paternos e de uma tia, e, posteriormente, tendo também perdido sua irmã mais velha (Grondin, 2015). Apesar desses inícios marcados por adversidades, destacou-se como um estudante brilhante, desenvolvendo sua vocação filosófica durante os estudos realizados no Liceu para meninos de Renes, onde, segundo o próprio Ricoeur, a influência de seu professor Roland Dalbiez (1893-1976) despertou nele o amor pela leitura e o interesse pela filosofia.

Na universidade, inserido na tradição reflexiva francesa¹, Ricoeur passou a conhecer os escritos de Jean Nabert (1881–1960) e a fenomenologia de Edmund Husserl. Ambos exerceram considerável influência em seus trabalhos, ainda que o filósofo manifestasse algumas reservas quanto à abordagem husserliana em suas obras. Durante a década de 1930, sua trajetória acadêmica e pessoal foi enriquecida pelo contato com Gabriel Marcel (1889–1973), que não só cultivou um relacionamento duradouro com ele, mas também o introduziu às ideias de Karl Jaspers (1883–1969). Para Grondin, esses dois encontros contribuíram para que o pensamento de Ricoeur se inserisse na tradição reflexiva francesa, permeada por referências a pensadores como Maine de Biran (1766-1824), Raivaisson (1813-1900), Lachelier (1832-1918) e Nabert, além de encontrar continuidade no personalismo de Emmanuel Mounier (1905-1950) e no existencialismo de Marcel e Jaspers (*Idem*, p. 11).

Entre 1940 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, Ricoeur foi capturado pelo exército alemão e passou cinco anos como prisioneiro de guerra, no campo de concentração na Polônia. Esse período, embora repleto de privações e desafios, foi transformado por ele em um espaço de produção intelectual, no qual aprofundou seus estudos filosóficos, especialmente na fenomenologia, traduzindo uma das obras

¹ A filosofia reflexiva foi uma corrente de pensamento francesa que remonta a Maine de Biran (1766-1824), pensador que enfatizava a reflexão como “faculdade mediante a qual o espírito percebe, num grupo de sensações ou numa combinação qualquer de fenômenos, as relações comuns de todos os elementos com uma unidade fundamental” (Mora, 2001, p. 2484), englobando a percepção racional e a vontade subjetiva.

Será que
de fato,
esta seção
é realmente
fundamental?

fundamentais de Husserl: *Ideias diretrizes para uma fenomenologia pura* (1913). Em 1947, juntamente com Mikel Dufrenne (1910–1955), publicou seu primeiro livro, *Karl Jaspers e a filosofia da existência*, iniciando, assim, uma prolífica carreira literária que viria a incluir obras de grande relevância, entre elas, em ordem cronológica de publicação: *A Filosofia da Vontade* (1950–1960), *História e Verdade* (1964), *Da Interpretação – ensaio sobre Freud* (1965), *O Conflito das Interpretações* (1969), *A Metáfora Viva* (1975), *Tempo e Narrativa* (três volumes, 1983–1985), *Do Texto à Ação* (1986), *O si-mesmo com outro* (1990), *A Memória, a História, o Esquecimento* (2000) e *Percurso do Reconhecimento* (2004).

Ricoeur atuou em diversas instituições acadêmicas de prestígio, lecionando na Universidade de Estrasburgo (1948–1957), na Sorbonne (1957–1964) e, com destaque, na Universidade de Chicago, onde iniciou na década de 70 e permaneceu até 1981. Diante de uma vasta experiência docente, esse filósofo experimentou, igualmente, diversas tragédias pessoais. Segundo Grondin, Ricoeur enfrentou “a trágica perda de seu filho Olivier, que se suicidou em 1986 durante uma conferência em Praga, e posteriormente a morte de sua esposa, em janeiro de 1997.” (*Ibid.*, p. 20). Tais acontecimentos acentuaram seu lado mais trágico na obra *O si-mesmo com outro* (1990/2014), resultando em um prolongamento no tempo de finalização do livro. Em 2005, o filósofo vem a óbito, deixando um rico legado para a filosofia contemporânea.

A biografia de Ricoeur, longe de ser um mero registro histórico, constitui um elemento essencial para compreender a gênese de suas ideias e sua abordagem hermenêutica. Ele enfatizava que interpretar um texto requer a consideração de seu autor, do contexto em que foi produzido e das motivações subjacentes à sua criação, postulando que a compreensão verdadeira de um pensamento filosófico emerge a partir do reconhecimento de que toda produção de sentido está inserida numa rede de relações históricas, culturais e existenciais.

A vivência pessoal de Ricoeur, dentre elas, suas experiências de prisão, as dificuldades e as perdas, influenciou diretamente seu modo de pensar e escrever. Seu rigor no contato com a filosofia fenomenológica resultou em uma hermenêutica que combina a busca incessante pelo sentido dos textos com a necessidade de suspeitar de interpretações imediatas. Essa abordagem dialética, que articula a análise detalhada da explicação com a integração contextual da compreensão, torna a interpretação um processo dinâmico e multifacetado, essencial para uma formação filosófica.

Ponto da interpretação?

como assim?

Isso por si só já seria uma abordagem TUL

A complexidade de sua obra, que dialoga com Husserl, Freud, Gadamer e outros, demanda uma compreensão profunda de diversas tradições filosóficas, exigindo do intérprete a capacidade de transitar entre níveis abstratos de análise e questões concretas da existência humana. Esse desafio teórico, embora exigente, é fundamental para a aplicação prática de suas ideias, sobretudo no campo da filosofia, onde sua hermenêutica propõe um caminho de transmissão de conhecimentos em um processo de diálogo e reconstrução crítica.

Desequilíbrio: parte de introdução muito longa.

2.2 A filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur

No pensamento de Paul Ricoeur, a hermenêutica se apresenta não apenas como um método de interpretação textual, mas como uma verdadeira filosofia da escuta, do sentido e da condição humana. Sua abordagem não se limita à exegese tradicional ou à busca por significados ocultos em textos sagrados ou jurídicos, como era comum em suas origens teológicas e filológicas. Ao contrário, Ricoeur a amplia e a ressignifica como um modo de compreender o ser humano em sua finitude, historicidade e capacidade de agir. A hermenêutica, em seu horizonte filosófico, se torna uma escuta refletida das narrativas que atravessam a experiência humana e orientam a busca por sentido.

Trabalha que deveria fazer parte do início do TCC

Compreender a filosofia de Paul Ricoeur exige mais do que conhecer suas obras: é preciso ver o caminho de vida que as atravessa. Para Ricoeur, a interpretação não é uma operação fria ou apenas técnica, mas uma atividade profundamente humana, enraizada na experiência vivida. É aqui que entra a fenomenologia, ponto decisivo para entendermos seu projeto hermenêutico. A fenomenologia, como ele a recebeu de Husserl e modificou aprofundando-a em diálogo com Heidegger, ensina que todo conhecimento começa com a vivência. Ou seja, o sujeito que interpreta não é uma mente abstrata isolada do mundo, mas alguém situado na linguagem e na história.

Justificativa da escolha biográfica

Ricoeur parte dessa consciência fenomenológica para desenvolver sua hermenêutica: interpretar é sempre interpretar *algo* que aparece para *alguém*. E esse “algo” — um texto, uma obra, uma ação — só ganha pleno sentido quando inserido em seu contexto de origem, incluindo aí o autor, suas intenções, suas circunstâncias e os horizontes culturais nos quais ele viveu. Desse modo, Ricoeur concebe a filosofia como escuta atenta do vivido e do dito. A hermenêutica ricoeuriana recusa qualquer compreensão que se limite à superfície das palavras; ela busca o sentido profundo, que só se revela quando o intérprete considera as redes históricas e existenciais nas quais um texto está imerso.

Como observa François Dosse (2017), Ricoeur não separa vida e pensamento.

Toda criação de sentido nasce de um solo existencial, e esse solo precisa ser acolhido pelo intérprete. É por isso que sua filosofia é, antes de tudo, uma filosofia do diálogo, da escuta e da abertura. E é também por isso que ele ^{depende} acredita que as ciências humanas — como a história, a psicanálise e a linguística — não devem ser descartadas, mas sim ouvidas e integradas ao esforço filosófico de compreender o ser humano.

Com base em sua formação fenomenológica, Ricoeur entende que a realidade humana não se apresenta de forma direta ou absoluta: ela se dá na forma de significados mediados. E é precisamente essa condição que torna a hermenêutica indispensável. Não há acesso puro à verdade das coisas humanas; há aproximação, interpretação, compreensão. Por isso, para Ricoeur, o ato de compreender é também um gesto ético, um exercício de hospitalidade ao outro.

Munido de uma consciência aguda da finitude — traço marcante entre os pensadores do século XX — Ricoeur entende que o inacabamento é o fim de todas as possibilidades da existência humana. Nenhuma iniciativa humana deve ser descartada como inautêntica, pois todas participam, em alguma medida, da construção de sentido e da configuração do mundo vivido. Nesse espírito, sua filosofia se estrutura como uma abertura ao diálogo, à pluralidade e à esperança, recusando dogmatismos e propondo um pensamento vivo e confrontacional, atento ao inédito que brota da ação e da linguagem.

Conforme observa Grondin (2015), Ricoeur ^{pag. 81} chama essa filosofia da escuta de “hermenêutica”. Embora não tenha sido o único a utilizá-la com esse fim — sendo Hans-Georg Gadamer outro nome fundamental —, é inegável que a hermenêutica resume com precisão sua trajetória intelectual. ~~A partir de autores como Dilthey e Heidegger, o conceito de hermenêutica foi expandido, passando a designar uma condição existencial interpretativa, centrada na ideia de que o ser humano está imerso num mundo de significações. Nesse sentido, explica Grondin:~~

A questão crucial da hermenêutica se torna então, para um autor como Heidegger, a de saber como podemos nos compreender a nós mesmos, isto é, como podemos nos libertar das concepções inautênticas de nossa existência a fim de sermos autenticamente nós mesmos. Ricoeur foi marcado por essa ampliação do sentido da hermenêutica (para a qual ele mesmo contribuiu), notadamente por sua extensão no sentido da ética, mas ele considera que Heidegger trabalha um pouco depressa demais quando se propõe elaborar uma hermenêutica de nossa existência que se quer tão originária a ponto de dispensar todas as disciplinas que praticam a arte da interpretação da realidade humana; a história, a exegese, a ciência comparada das religiões, a psicanálise e as

Analisar isto e mostrar no texto.

Repetitivo

ciências da linguagem. Estes saberes não teriam algo a nos dizer, se pergunta Ricoeur, sobre o que é a interpretação e sua consequência sobre a realidade humana? Ricoeur, se coloca, assim, à escuta do que essas disciplinas têm a ensinar à filosofia, pois uma filosofia que se desliga das ciências fica, segundo ele, estéril (Idem, p. 13–15).

Portanto, a hermenêutica ricoeuriana não visa uma “interpretação direta” e absoluta da realidade, mas propõe um caminho mediado, um longo desvio hermenêutico.

O ser humano, para Ricoeur, é aquele que “pode” interpretar o mundo, os textos e a si mesmo. Interpretar é buscar o sentido do fenômeno. Investigar essa capacidade interpretativa será uma das direções fundamentais de sua filosofia.

Para o filósofo francês, compreender o ser humano é como ler um texto: não basta olhar as palavras na superfície, é preciso escutar o que elas dizem no silêncio entre as linhas. O ser humano não é uma equação a ser resolvida, mas um mistério a ser interpretado. É por isso que ele defende que o mundo é como um “texto a ser lido” (Ricoeur, 2010c, p. 269) e nós somos leitores e escritores desse texto todos os dias. A linguagem, nesse cenário, deixa de ser apenas um instrumento para transmitir mensagens e passa a ser o lugar onde o mundo ganha sentido. Cada palavra, cada gesto, cada símbolo, abre janelas para múltiplos significados.

Ricoeur propõe em *Teoria da Interpretação* (2019, p. 120), que o processo de interpretação siga dois grandes movimentos: 1º) explicar: ^{analisando} analisando com atenção os elementos do texto, como sua estrutura, seus termos, suas relações internas; 2º) compreender: ^{além disso} entrando no universo do texto, ligá-lo ao mundo da vida, aos sentimentos, às intenções e aos contextos humanos. Essa dialética entre explicar e compreender forma o que Ricoeur chama de “círculo hermenêutico”, uma dinâmica que nunca se fecha por completo, pois o sentido sempre se renova conforme dialogamos com o texto.

Além disso, a narrativa como forma de compreender a vida é um dos conceitos centrais para entender a filosofia hermenêutica de Ricoeur. Em sua obra *Tempo e Narrativa*, publicada em três volumes², ele nos dá a ideia de que, assim como os contos e romances organizam os eventos em uma história, nós também organizamos nossa vida em forma de narrativa. Isso quer dizer que o tempo da vida não é apenas uma sequência de relógio — manhã, tarde, noite —, mas uma sucessão de acontecimentos que ganham sentido à medida que os contamos e os compreendemos. Essa forma de organizar o tempo é o que ele chama de “tempo narrado” (2010c, p. 184).

² Os três volumes da obra serão referenciados do seguinte modo: vol.1: 2010a, vol. 2: 2010b, vol. 3: 2010c.

Assim, viver é narrar-se. Somos autores da nossa história, mesmo quando não controlamos tudo que nos acontece. Ao contar o que vivemos, ao lembrar, ao explicar ou ao imaginar, estamos continuamente interpretando quem somos. Isso é o que Ricoeur chama de *identidade narrativa*: aquilo que somos é moldado pelas histórias que contamos sobre nós mesmos.

No segundo volume de *Tempo e Narrativa* (2010b), Ricoeur explica que a narrativa liga o tempo da experiência, o modo como o vivemos, ao tempo do relato, o modo como o contamos. Para isso, ele apresenta três níveis que chama de *mímesis*: *Mímesis I* - Pré-configuração: é o mundo antes da história ser contada. São os acontecimentos, os valores, os conflitos que ainda não ganharam forma de narrativa. *Mímesis II* - Configuração: é quando organizamos esses elementos numa história — com começo, meio e fim. Aqui entra a trama, ou *intriga*, que dá sentido aos fatos. *Mímesis III* - Reconfiguração: é o encontro do leitor com a história. Ao ler ou escutar, reinterpretemos o que foi contado e transformamos a nossa maneira de ver o mundo e a nós mesmos.

Outro conceito importante na filosofia de Ricoeur é o de símbolo (Ricoeur, 2019, p. 74). Para ele, o símbolo carrega um sentido profundo que não se esgota em uma explicação literal. Por exemplo, quando falamos da “luz” como símbolo da verdade, não estamos nos referindo apenas à luz física, mas a algo maior: à clareza, à sabedoria, à revelação. A noção de metáfora, por sua vez, também desempenha papel central, pois permite a criação de novos significados ao deslocar palavras de seu uso comum, produzindo sentidos inesperados. Assim, tanto o símbolo quanto a metáfora, são formas de linguagem que revelam dimensões que nos conectam a verdades que ultrapassam o dizer direto.

Por fim, Ricoeur vê na linguagem o grande espaço da compreensão humana. O que nos diferencia dos demais seres vivos é essa capacidade de dar sentido às coisas por meio da palavra. A linguagem não apenas expressa ideias, ela cria mundos possíveis, convoca memórias, imagina futuros e reconstrói passados. E é dentro desse campo da linguagem que a hermenêutica se instala como o esforço contínuo de escutar, interpretar, reelaborar e compreender o sentido que brota da vida vivida e contada. Filosofar é perguntar, escutar e interpretar. No ensino de filosofia, essa tríade assume um papel fundamental, especialmente quando atravessada pela filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur. Mais do que um simples método de leitura, sua hermenêutica é uma atitude diante do mundo, pois ela reconhece que toda compreensão é mediada pela linguagem. Nesse horizonte, ensinar filosofia à luz de Ricoeur não é transmitir verdades fixas, mas

Por que?

Definição?

sim convidar o estudante a interpretar o texto da realidade e a si mesmo como quem caminha por entre vozes, histórias e sentidos possíveis.

Ao contrário de abordagens que reduzem o conhecimento a dados objetivos ou verdades absolutas, a hermenêutica ricoeuriana entende que o ser humano está sempre imerso em um mundo interpretado. Isso faz da filosofia uma prática viva, que exige abertura ao outro, escuta ativa e capacidade de reconhecer que o conhecimento nasce de múltiplas vozes, como a ciência, a história, a arte e a religião. Nesse sentido, Ricoeur rejeita a ideia de uma “filosofia direta” da existência humana. Para ele, interpretar o homem e o mundo exige acolher o que os diversos campos do saber têm a dizer sobre o sentido da experiência. No entanto, por mais que haja um conflito de interpretações, há interpretações significativas mais próximas da realidade do que outras.

É nesse ponto que a hermenêutica se revela não apenas como método, mas como atitude pedagógica essencial. Ela convida professor e estudante a desconfiarem das interpretações prontas, a revisitarem narrativas já ouvidas e a suspeitarem dos discursos fechados. Assim, aprender filosofia torna-se um exercício de escuta reflexiva e crítica. Não basta ler Platão ou Heidegger: é preciso entender de onde vêm essas ideias, por que elas fazem sentido e como se transformam quando lidas a partir de diferentes enfoques.

Conforme apontamos, Ricoeur considera que a filosofia não pode se isolar das ciências humanas. Ela deve dialogar com áreas como a história, a teologia, a linguística e a psicanálise, porque todas essas disciplinas carregam interpretações da condição humana. Ao insistir que uma filosofia que se afasta dessas ciências corre o risco de se tornar estéril, Ricoeur afirma sua aposta em uma hermenêutica que se constrói na escuta das diferentes formas pelas quais o humano se expressa e se interpreta.

Esse posicionamento é especialmente relevante quando se pensa no ensino de filosofia nas escolas. Em tempos marcados por discursos simplificadores, polarizações e crises de sentido, educar filosoficamente à luz de Ricoeur é oferecer ao estudante uma ferramenta crítica para navegar nesse emaranhado de interpretações. A hermenêutica, nesse contexto, funciona como uma bússola: não aponta um único caminho, mas ajuda a perceber que há sempre mais de um sentido em jogo, que toda leitura pode ser relida e que compreender é, acima de tudo, um ato de responsabilidade e cuidado com o outro e com o mundo. O legado de Paul Ricoeur transcende a mera acumulação de obras e se revela como um convite à reflexão, ao diálogo e à integração de áreas. Sua trajetória, marcada por profundas experiências pessoais e por um compromisso inabalável com a busca do sentido, configura-se como um exemplo paradigmático de como a vida e o

Argumentações

Tipos

seria interessante que autores fizessem esta conexão.

Ex.: A importância do ato de ler, Paulo Freire

pensamento podem se entrelaçar para promover uma compreensão mais rica e humanizada do mundo. Essa dialética entre a vivência pessoal e a produção intelectual faz do pensamento de Ricoeur um terreno fértil para pesquisas na área da educação, especialmente na formação crítica e reflexiva de alunos.

CAPÍTULO 3

A FILOSOFIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR E O ENSINO DE FILOSOFIA

3.1 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a filosofia

Desde os tempos antigos, a filosofia tem causado certo incômodo na sociedade. Seu objetivo não é simplesmente perturbar, mas provocar reflexões, questionar verdades tidas como absolutas e despertar a consciência crítica. Um exemplo marcante disso é Sócrates, pensador da Grécia Antiga, que acreditava que uma vida sem reflexão não merecia ser vivida (Platão, 2003, p. 26 [38a]). Para ele, era essencial examinar a própria existência mediante a indagação de problemas e a construção do diálogo. No entanto, essa postura questionadora nem sempre agrada a todos. Muitas pessoas se sentem confortáveis com as certezas que conhecem e resistem a mudanças. Foi justamente por estimular os jovens a pensarem por conta própria, duvidar e analisar a realidade que Sócrates foi condenado, não por um crime comum, mas por ensinar a pensar de forma crítica e independente.

Na Idade Média, a filosofia foi colocada sob o signo da fé. Seu desenvolvimento se deu, em grande parte, dentro dos limites da teologia. Pensadores como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino buscaram conciliar fé e razão, demonstrando que a reflexão filosófica poderia, ao menos em parte, estar a serviço das verdades divinas. Mas, ainda assim, havia um limite para o pensamento crítico: a razão era válida enquanto confirmasse os dogmas, fazendo com que a autonomia do pensamento fosse vigiada. O ensino de filosofia nesse período foi rico em lógica e refinamento argumentativo, mas pobre em liberdade crítica plena.

A Modernidade, por sua vez, marca uma virada decisiva: o sujeito passa a ser o centro da reflexão. Com René Descartes (1596-1650), a dúvida metódica tornou-se fundamento da certeza. Com Immanuel Kant (1724-1804), a autonomia do sujeito racional alcançou o estatuto de imperativo (Kant, 2003). A educação filosófica, nesse novo contexto, deveria formar sujeitos autônomos, capazes de pensar por si. No entanto, esse mesmo avanço trouxe desafios. A filosofia tornou-se mais abstrata, complexa e distante da experiência comum.

No mundo contemporâneo, cada vez mais técnico, utilitário e voltado à eficácia, pensar por pensar sem um fim prático imediato passou a ser visto como perda de tempo.

Assim, a crise da filosofia no ensino se intensificou.

Tenho muito gêmeo

Momento em que vale a pena ter algum texto de história da filosofia medieval.

conclusão abrupta

Em diversos momentos da história, especialmente na modernidade, a filosofia passou a ser tratada como uma disciplina excessivamente técnica, abstrata e, por vezes, descolada das experiências concretas da vida. Como aponta Marilena Chauí (2000), em uma sociedade marcada pela busca da eficiência, pensar de forma profunda, sem uma finalidade prática imediata, passou a ser visto como algo inútil. Essa postura contribuiu para o enfraquecimento do ensino de filosofia nas escolas, reduzida muitas vezes à memorização de datas e conceitos, sem ligação com a realidade vivida pelos estudantes.

É neste cenário que a filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur oferece uma contribuição ímpar. Para Ricoeur, compreender não é apenas decodificar uma mensagem, mas interpretar um sentido que se desvela progressivamente, na medida em que o sujeito se engaja num processo de leitura que é também autoleitura. Podemos dizer que a interpretação é o trabalho do pensamento sobre o sentido, pois ela exige do leitor não apenas uma leitura passiva, mas uma atividade reflexiva e imaginativa que permita adentrar o universo de significações proposto pelo texto, buscando incessantemente seu sentido. Ricoeur inaugura, assim, uma perspectiva de leitura existencial e interpretação pessoal. Conforme seu entendimento:

O sentido de um texto não está por detrás do texto, mas a sua frente. Não é algo de oculto, mas algo descoberto. O que importa compreender não é a situação inicial do discurso, mas o que aponta para um mundo possível, graças à referência não ostensiva do texto. A compreensão tem menos do que nunca a ver com o autor e a sua situação. Procura apreender as posições de mundo descortinadas pela referência do texto. Compreender um texto é seguir o seu movimento do sentido para a referência: do que ele diz para aquilo de que fala. (Ricoeur, 2019, p. 122-123).

Compreender um texto, portanto, é inserir-se no mundo que o texto abre, orientando-se nele de forma criativa e transformadora. Na educação em filosofia, esse entendimento é essencial pois ensina o estudante a pensar para além do imediato e afastar-se das superficialidades, interpretando textos e discursos com profundidade e construindo, por meio da linguagem imaginativa, novas possibilidades de existência e convivência no mundo com e para os outros. Isso transforma o ato de ler e o trabalho de interpretar em um exercício eticamente responsável e substancialmente formativo, pois é fundamental para a autonomia intelectual e a liberdade individual do pensamento filosófico.

3.2 A contribuição da hermenêutica ricoeuriana para a educação

3.2.1 O processo da interpretação na filosofia ricoeuriana

Paul Ricoeur elabora os conceitos de “distância” e “apropriação” para descrever o processo pelo qual interpretamos textos e descobrimos o sentido deles. Esses conceitos são fundamentais para sua hermenêutica porque mostram que a interpretação não é um ato mecânico, mas um movimento dialético entre o texto e o leitor.

Quando um autor escreve um texto, ele inicialmente tem uma intenção específica.

No entanto, uma vez que o texto é publicado, ele se separa de seu autor e ganha autonomia. Isso significa que o texto não pode mais ser diretamente explicado pela intenção do autor, pois o que ele quis dizer originalmente pode não ser totalmente recuperável. O texto passa a ter uma existência própria, aberta a múltiplas interpretações. Sua significação se desloca no tempo e no espaço, podendo ser lida por diferentes pessoas em diferentes contextos históricos e culturais.

Essa “distância hermenêutica” é importante porque impede que a interpretação seja apenas uma tentativa de “ler a mente do autor”, como pensava Schleiermacher. Em vez disso, o texto deve ser compreendido por aquilo que ele diz em si mesmo, independentemente do autor. Se o texto tem autonomia, como ele pode ganhar sentido para o leitor? É aqui que entra o conceito de “apropriação”. Apropriar-se de um texto é fazer dele algo que fala ao nosso próprio horizonte situado de compreensão.

Esse processo ocorre da seguinte maneira: o leitor, ao interpretar um texto, o relê dentro de seu próprio contexto histórico e existencial. O significado do texto não é algo fixo, mas algo que se atualiza à medida que diferentes leitores o interpretam. A apropriação não significa distorcer o texto para encaixá-lo em nossas ideias prévias, mas sim permitir que ele nos transforme. Imagine que um professor de filosofia esteja ensinando *A República* de Platão. Se ele apenas tentasse explicar o que Platão quis dizer para os atenienses do século IV a.C., ficaria preso à distância histórica. No entanto, ao interpretar aplicando-o ao contexto atual, relacionando-o à democracia contemporânea ou à educação, ele se apropria do sentido e permite que os alunos façam o mesmo.

Como isso pode ser feito?

3.2.2 A noção de “texto vivo” da hermenêutica ricoeuriana

A filosofia hermenêutica de Ricoeur ensina que interpretar um texto é um processo de ida e volta: primeiro, reconhecemos a sua distância, entendendo-o como um objeto independente do autor, e, depois, nos apropriamos de seu significado, trazendo-o para

nosso próprio horizonte de compreensão. Esse movimento permite que o sentido de um texto permaneça vivo e relevante ao longo do tempo.

No primeiro volume de *Tempo e Narrativa* (2010a), Ricoeur explora como a narrativa organiza a experiência humana do tempo, conectando a estrutura do enredo (intriga) com a forma como compreendemos nossa própria história e identidade. Ele defende que os símbolos e mitos carregam múltiplos significados e que interpretá-los é essencial para entender a cultura e o próprio ser humano. No fundo, a hermenêutica de Ricoeur não busca apenas interpretar textos, mas compreender a vida como um “texto vivo”, onde a interpretação é um ato contínuo de construção do sentido. A noção de “texto vivo” é proveniente da ideia de Ricoeur de que a leitura é um caminho, uma experiência viva, e o texto, algo que atua no mundo:

Quando o leitor submete suas expectativas às que o texto desenvolve, ele irrealiza a si mesmo na mesma proporção da irrealidade do mundo fictício para o qual emigra; a leitura torna-se então um lugar igualmente irreal onde a reflexão faz uma pausa. Em contrapartida, quando o leitor incorpora — consciente ou inconscientemente, pouco importa — os ensinamentos de suas leituras à sua visão de mundo, para aumentar sua legibilidade prévia, a leitura é para ele algo diferente de um lugar onde ele para; a leitura é um meio que ele atravessa. (Ricoeur, 2010c, p. 308)

Neste contexto, o ensino de filosofia como “texto vivo” não é apenas metáfora poética, mas uma proposta metodológica e existencial. O conhecimento pessoal se vitaliza quando o estudante se reconhece como parte do processo, percebendo que compreender determinado texto filosófico é também compreender a si mesmo. Com base nisso, o ensino de filosofia deve acolher a pluralidade interpretativa, sem cair no relativismo, pois interpretar não significa dizer qualquer coisa, mas sim dizer com responsabilidade. Isso exige uma ética da escuta, da argumentação e da alteridade.

Portanto, o desafio de ensinar filosofia hoje é também o desafio de formar intérpretes, reconectando a filosofia com a experiência humana concreta. Nesse processo, a hermenêutica ricoeuriana oferece não apenas um método, mas uma atitude filosófica, reconhecendo que o conhecimento é um ato interpretativo, que a verdade não se impõe, mas se revela no diálogo, e que ensinar é, no fundo, um gesto ético de hospitalidade.

3.2.3 A noção de “texto vivo” aplicada ao ensino de filosofia

Ao compreendermos os desafios históricos e epistemológicos do ensino de filosofia, torna-se possível introduzir a proposta hermenêutica de Paul Ricoeur como

alternativa interpretativa fecunda para ressignificar o papel da filosofia na educação contemporânea. O problema que orientou nosso trabalho até aqui foi: como a hermenêutica ricoeuriana, especialmente articulada às noções de texto e narrativa, contribui para o ensino de filosofia?

A noção de narrativa assume um papel central pois apresenta uma função semântica. A palavra vem do latim *narratio*, que significa relatar, e deriva do verbo *narrare*, cuja raiz *gnarus* remete à ideia “aquele que sabe” (Nascente, 1952). Narrar não é simplesmente descrever uma sequência de fatos, **mas é uma forma de organizar a experiência humana de maneira significativa. Assim, a narrativa é um modo de conhecimento, uma via pela qual o sujeito compreende a si mesmo e o mundo que habita.**

Segundo Ricoeur, a narrativa é o espaço privilegiado em que o tempo humano se torna inteligível pela linguagem. Ela permite ao sujeito costurar o passado, o presente e o futuro em uma intriga coerente que dá forma à sua identidade. **Como afirma o autor, “a identidade pessoal só pode ser apreendida narrativamente” (Ricoeur, 2014, p. 145), pois não há um “eu” fixo e estático, mas uma identidade que se constrói e se transforma no tempo, a partir das histórias que contamos e recontamos sobre nós mesmos.**

Podem vir antes, na seção anterior.

Na prática do ensino de filosofia, essa concepção de narrativa oferece um recurso formador de grande valor. **Desde a Antiguidade, a filosofia não apenas pensa em conceitos, mas também narra. Os diálogos platônicos dramatizam ideias em situações vivas de conflito e escuta; Aristóteles reconhece na tragédia um instrumento de formação ética, capaz de suscitar reflexão por meio das emoções despertadas por histórias. A narrativa, assim, sempre esteve entrelaçada com o modo filosófico de pensar o mundo.**

No contexto contemporâneo da educação, a narrativa potencializa o ensino filosófico ao tornar acessíveis os conceitos abstratos por meio de experiências concretas. Quando se discute, por exemplo, o conceito de justiça a partir de uma história — seja real ou ficcional — cria-se uma ponte entre o pensamento e a vida, entre o conceito e a existência. Gallagher (1992) observa que a hermenêutica aplicada à educação valoriza justamente essa transição do vivido ao compreendido, reconhecendo que todo entendimento nasce de um contexto já narrado. A narrativa desenvolve a escuta sensível e a postura crítica. **O estudante que compreende narrativamente é capaz não só de entender o pensamento de um autor, mas de articular sua própria leitura do mundo.**

A chave hermenêutica de Ricoeur reside na ideia de que **o texto** — e, por extensão, todo o discurso filosófico — **ganha vida nova quando inserido no horizonte de compreensão do leitor.** Esse horizonte, por sua vez, é moldado pela historicidade, pela

linguagem e pelas experiências existenciais do sujeito. Assim, ensinar filosofia sob a luz da hermenêutica ricoeuriana é compreender que os textos filosóficos não se esgotam em seu contexto de origem, mas se projetam em novas temporalidades. O professor, portanto, assume o papel de mediador dessa travessia, propondo aos alunos que leiam os textos filosóficos como obras vivas, capazes de dialogar com os dilemas do presente.

Nesse sentido, a noção de “texto vivo” torna-se especialmente potente. Ela permite pensar o ensino de filosofia não como um percurso linear de transmissão de conteúdos, mas como uma experiência interpretativa que envolve diálogo, escuta e reconstrução de significados. O texto filosófico é vivo porque, ao ser lido e interpretado, transforma-se, e transforma quem o interpreta. Ele é vivo porque fala ao presente interpelando os sentidos estabelecidos. Dessa forma, interpretar é colocar-se em movimento diante do texto, abrir-se ao possível, permitir que novas compreensões surjam a partir da tensão entre a distância histórica e a proximidade existencial.

Tal abordagem exige, porém, uma profunda reformulação das práticas pedagógicas. O ensino de filosofia, compreendido hermeneuticamente, não pode restringir-se a uma memorização de conceitos, autores ou datas. É preciso criar condições para que os alunos se tornem intérpretes ativos de textos, articulando suas próprias vivências com os grandes problemas filosóficos. Isso exige tempo, escuta, abertura ao outro e, sobretudo, a coragem de habitar o não-saber, isto é, a condição fundante da filosofia. O conceito de “distância hermenêutica”, trabalhado por Ricoeur, e mencionado acima, volta aqui com sua importância: ela reconhece que entre o leitor e o texto existe um espaço de separação histórica, cultural e semântica, que não deve ser eliminado, mas sim assumido como condição da interpretação. Ensinar filosofia é, nesse sentido, ensinar a lidar com essa distância, a entrar em diálogo com o que é estranho, com o que desafia nossas categorias habituais de compreensão. A leitura filosófica torna-se, então, um exercício de alteridade, de acolhimento da diferença e de transformação de si.

Ademais, ao introduzir o conceito de identidade narrativa, Ricoeur oferece ao ensino filosófico uma possibilidade singular: compreender o sujeito não como uma substância fixa, mas como uma construção em processo, que narra a si mesmo ao interpretar as experiências vividas. O aluno, nesse contexto, não é apenas um receptor de verdades, mas alguém que constrói sentido para sua própria existência à medida que articula sua história pessoal com as grandes questões filosóficas. A filosofia, assim, torna-se uma prática de cuidado de si, de escuta do outro e de elaboração simbólica da experiência. A hermenêutica ricoeuriana reforça essa compreensão da filosofia como um

exercício de escuta e de interpretação uma vez que ao invés de impor verdades, ela convida ao diálogo. Ao invés de reduzir o mundo a explicações fáceis, ela ensina a conviver com a complexidade. E isso, claro, pode ser desconfortável — sobretudo para estruturas de poder que preferem cidadãos conformados a pensadores autônomos.

Contudo, além da resistência pessoal, o ensino de filosofia enfrenta mazelas concretas que atravessam o cotidiano escolar. Em muitas escolas públicas, faltam condições básicas para a sua prática: a carga horária é reduzida, os materiais são escassos, o tempo para o diálogo é comprimido entre outras disciplinas vistas como “mais importantes” — geralmente aquelas ligadas à lógica da produtividade e do mercado. Ademais, muitos professores trabalham em várias escolas, enfrentando jornadas exaustivas, sem o devido reconhecimento ou espaço para o desenvolvimento de projetos mais aprofundados. Há também o desafio constante de conquistar o interesse dos alunos, que muitas vezes chegam ao Ensino Médio com uma profunda dificuldade de leitura e interpretação, consequência da mazela social do sistema educacional brasileiro, que acaba minando o terreno no qual a filosofia poderia florescer.

Porém, há professores que transformam a sala de aula em espaço de escuta, que não desistem do pensamento, que plantam perguntas onde o sistema só espera respostas. São eles que, silenciosamente, continuam formando sujeitos capazes de pensar por si, de dialogar com o outro, de se posicionar frente às complexidades da vida. São eles que, ao ensinar filosofia, ajudam a manter viva a esperança de um mundo mais justo, mais crítico e mais humano. Defender o ensino de filosofia é mais do que lutar por uma disciplina, é defender um modo de existir no mundo, afirmando que o ser humano não é apenas força de trabalho ou estatística, mas alguém capaz de pensar, escolher e transformar a realidade à luz do sentido. Como nos ensina Ricoeur a partir de seus escritos: devemos resistir à tentação do fechamento e abrir-se ao outro.

Portanto, a contribuição da filosofia hermenêutica ricoeuriana ao ensino de filosofia consiste na noção metodológico-existencial do “texto vivo”, oferecendo uma perspectiva integradora, capaz de superar a fragmentação do sentido que muitas vezes marcam a sala de aula, e propondo um retorno à essência do filosofar: abrindo-se à dúvida, buscando o sentido e valorizando a linguagem como espaço de encontro entre mundos. O ensino de filosofia, quando orientado por essa perspectiva, deixa de ser um exercício árido e infrutífero para tornar-se um ato crítico, sendo um convite permanente à reflexão sobre o que somos, o mundo que habitamos e as possibilidades de sermos mais humanos.

Considerações finais

Sugestão: "com base no comentário de Leuzer, foi possível indicar um percurso hermenêutico ligado à temática educacional e ao papel do professor como mediador na interpretação de diversos sentidos."

33

Neste trabalho, apresentei brevemente a tradição filosófica hermenêutica em três capítulos interligados. No primeiro capítulo, foi apresentado o contexto histórico da hermenêutica, desde seus fundamentos antigos até seu amadurecimento contemporâneo com autores principais como Gadamer e Ricoeur. O segundo capítulo, destaquei os principais aspectos do pensamento ricoeuriano assim como também alguns fatores marcantes em sua vida para compreender a relação entre a sua história pessoal e suas formulações teóricas, como a articulação entre tempo e narrativa, a mediação simbólica, a identidade narrativa e a concepção de "texto vivo". No terceiro capítulo, relacionei essas ideias ao campo da educação, propondo a hermenêutica como caminho para um ensino fecundo de filosofia, entendido como prática de leitura, escuta e interpretação do mundo.

O objetivo geral do trabalho foi alcançado ao demonstrar que a noção de "texto vivo", da filosofia hermenêutica de Paul Ricoeur, pode ser utilizada como base metodológico-existencial para o ensino de filosofia, no sentido de despertar nos alunos a capacidade de refletir criticamente, escutar o outro e elaborar sentidos para a própria experiência. A noção de "texto vivo" revelou-se especialmente produtivo, pois evidenciou que tanto a educação quanto a filosofia são campos abertos para a interpretação, sempre em movimento, sempre em busca de compreensão.

Portanto, concluo que o ensino de filosofia, à luz da hermenêutica ricoeuriana, não se limita à exposição de sistemas, mas se afirma como experiência formativa. A filosofia passa a ser vivida como processo de interpretação, onde os alunos são convidados a reconstruir o sentido. Inspirado na ideia de que a verdadeira leitura oferece uma solução, mas deixa ao leitor o desafio de encontrar a pergunta certa, o educador hermenêutico não impõe verdades, mas cultiva o pensamento. O ensino de filosofia, portanto, torna-se um lugar onde a narrativa e o sentido se entrelaçam, transformando o texto da vida em caminho para a compreensão de si, do outro e do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Da Interpretação**. In: ARISTÓTELES. **Órganon**. Tradução: Edson Bini. Bauru: Edipro, 2005.

CAVALCANTE, Andreia; DE OLIVEIRA, Ariane Fernandes. O QUE É HERMENÊUTICA? **JICEX**, v. 3, n. 3, 2014. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/589>. Acesso em: 08 mai. 2025. p. 1-2.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

DILTHEY, W. O Surgimento da Hermenêutica (1900). **Numen**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/numen/article/view/21747>. Acesso em: 04 jan. 2025.

DOSSE, François. **Paul Ricœur: um filósofo em seu século**. Tradução: Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

GALLAGHER, Shaun. **Hermenêutica e educação**. Tradução: Rosana de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRONDIN, Jean. **Paul Ricoeur**. Tradução: Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Coleção Leituras Filosóficas).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução: Fausto Castilho. Petrópolis: Vozes, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia. TOMO IV (Q-Z)**. Tradução: Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NASCENTE, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Globo, 1952.

OpenAI. **ChatGPT**. 2023. Disponível em: <https://openai.com/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. 1. ed. São Paulo: VirtualBooks, 2003. Livro digital, formato PDF. Disponível em: <https://www.baixelivros.com.br/acervo/dominio-publico>. Acesso em: 11 jan. 2025. Licença: Domínio público.

PLATÃO. **Crátilo - Ou sobre a correção dos nomes**. Tradução: Celso de Oliveira Vieira. São Paulo: Paulus, 2015.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1: A intriga e a narrativa histórica. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 2: A configuração do tempo na narrativa. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 3: O tempo narrado. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010c.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: O discurso e o excesso da significação**. Tradução: Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 2019.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Introdução à hermenêutica**. Tradução: Henrique de Lima. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.